



II Concurso de  
**CONTOS,  
HISTÓRIAS  
E POESIAS**  
da **ANFIP**

**RESULTADO**

**FINAL**





## **RESULTADO FINAL**

---

II Concurso de Contos,  
Histórias e Poesias da ANFIP



# RESULTADO FINAL

## II Concurso de Contos, Histórias e Poesias da ANFIP

DADOS DO CANDIDATO			DADOS DA OBRA				Nota Final
Nome Completo	UF Residência	Número de Inscrição	Codinome	Tipo	Título		
1	ZAITER GOMIDE CASTANHEIRA	MG	108	anual engraçado	historia	75 anos da ANFIP, trajetória de lutas em defesa dos AFRFB	43.89
2	JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES	MG	41	banana genuíno	conto	O mago da pedra oca	43.01
3	MARIA LISBOA MACEDO	MG	55	corpanzil ousado	conto	O professor	42.71



# 1º Colocado

**ZAITER GOMIDE CASTANHEIRA - MG**

---

Codiname: **anual engraçado**

---

Tipo: **História**

---

Título: **75 ANOS DA ANFIP, TRAJETÓRIA DE LUTAS  
EM DEFESA DOS AFRFB**



**75 ANOS DA ANFIP**

**TRAJETÓRIA DE LUTAS EM DEFESA DOS AUDITORES FISCAIS DA  
RECEITA FEDERAL DO BRASIL**

Na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1950, foi fundada a “Associação dos Fiscais da Previdência Social”.

O Brasil vivia os resquícios das transformações, que moldaram a política e a economia no período pós-guerra. Em meio a um cenário de reconstrução global e um país em transição, os fiscais de diversos Institutos da Previdência, nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, enfrentavam um cotidiano marcado pela desvalorização, como também pela ausência de uma representação efetiva. Apesar de serem guardiões da arrecadação, que financiava o crescimento nacional, os auditores eram vistos mais como peças de uma engrenagem do que profissionais indispensáveis para o progresso.

Foi nesse cenário que um grupo de visionários decidiu transformar insatisfação em ação. Em uma sala modesta, nasceu a Associação. Não foi apenas uma entidade que se formou naquele momento, foi o início de uma jornada, que redefiniria os rumos da profissão e do sistema tributário no Brasil.

Os primeiros passos foram marcados por desafios gigantescos. Com recursos limitados e pouca adesão inicial, os fundadores precisaram convencer seus colegas de que a união era o único caminho para conquistar respeito e melhores condições de trabalho.

Era extremamente imperioso difundir a ideia de que os fiscais não eram apenas cobradores de impostos, e sim agentes da justiça social, profissionais responsáveis pelo equilíbrio fiscal de um país, proporcionando programas públicos essenciais, como a educação e a saúde.

A proposta era ousada, defender os direitos dos auditores fiscais e lutar por um sistema tributário mais justo e igualitário. Na prática, isso significava enfrentar poderosos interesses, que se beneficiavam das desigualdades do sistema.

Ao longo dos primeiros anos, a ANFIP tornou-se um refúgio para aqueles que acreditavam em um Brasil melhor. Reuniões regadas a cafezinhos e debates acalorados deram origem a propostas inovadoras, como a ideia de que a tributação deveria priorizar a capacidade contributiva. "Justiça fiscal é justiça social", tornou-se o lema da instituição.

Com o tempo, o movimento cresceu. Novos membros se juntaram à causa, trazendo ideias, força e mobilidade para enfrentar desafios cada vez maiores. E assim,

tijolo por tijolo, a ANFIP começou a erguer o edifício de sua relevância no cenário nacional.

Os primeiros anos foram marcados pela forja de sua identidade, como uma entidade de luta pela construção inequívoca de um movimento, que transcendia os interesses individuais de seus associados. Em meio ao cenário político e econômico turbulento, na segunda metade do século XX, a organização se consolidava como a principal defensora dos direitos dos auditores fiscais.

Era um tempo em que a consciência coletiva ganhava força, as condições de trabalho da categoria eram precárias. Os auditores enfrentavam jornadas extenuantes, recebiam baixos salários e sofriam com a falta de reconhecimento. Além disso, o governo, pressionado por dificuldades orçamentárias, frequentemente ignorava as reivindicações da classe, relegando os fiscais a um papel secundário no cenário administrativo.

A ANFIP começou organizando assembleias regionais, que reuniam auditores de diferentes partes do país, discutindo estratégias de resistência e avanço. Desses encontros, nasceram as primeiras grandes mobilizações. Uma das mais marcantes foi a luta pela reestruturação da carreira, que culminou em uma greve histórica.

Durante os meses de paralisação, a ANFIP liderou negociações intensas com o governo federal, utilizando de forma pioneira estudos técnicos para justificar suas demandas. Foram produzidos relatórios detalhados, comparando os salários e condições de trabalho dos auditores brasileiros com os de outros países. Esses documentos não apenas embasaram as reivindicações, mas mostraram à sociedade a relevância do trabalho da categoria.

Nesse período, a união dos auditores se mostrou um dos maiores triunfos. Os mais antigos recordam as cenas emblemáticas de fiscais ocupando espaços públicos, como o hall de entrada do Ministério da Fazenda, com cartazes e faixas que diziam: “Justiça fiscal é justiça social”. Os jornais da época cobriram amplamente as manifestações, dando à luta um alcance nacional.

Ao final da greve, um marco foi alcançado, a criação de um plano de carreira mais justo, que reconhecia a importância dos auditores fiscais como guardiões do erário. A vitória não foi apenas política, ela também alimentou o sentimento de pertencimento, além de ampliar a confiança da categoria na capacidade de transformar a realidade.

Essas primeiras conquistas fortaleceram a posição da ANFIP, como uma entidade sólida, comprometida e alinhada com os direitos dos auditores. Também foram fundamentais para firmar o princípio que guiaria sua trajetória: “Não há avanço sem lutas”. Essa premissa ecoaria ao longo de décadas, inspirando futuras batalhas por justiça e equidade.

O decênio de 1980 trouxe mudanças profundas para o Brasil, assim como para os servidores públicos. O país vivia um processo de redemocratização, as demandas sociais por justiça e equidade ganhavam força. Nesse cenário, a ANFIP encontrou novos desafios, mas também recentes oportunidades, para expandir sua atuação e consolidar sua relevância como entidade de classe.

O período foi marcado por uma intensa luta contra o congelamento salarial e pela defesa dos direitos adquiridos. Os auditores fiscais, que desempenhavam papel crucial na arrecadação, eram frequentemente pressionados por um governo que buscava austeridade em meio a uma inflação galopante. Era a ANFIP que organizava assembleias, mobilizações e negociações, para garantir que a categoria não fosse desvalorizada.

Em 1988, a promulgação da nova Constituição Federal trouxe uma vitória histórica. A ANFIP havia participado ativamente das discussões, culminando na inclusão de princípios fundamentais relacionados à Seguridade Social. Foi a partir da sua atuação que os pilares da saúde, previdência e assistência social ganharam forma no texto constitucional, beneficiando milhões de brasileiros.

O comprometimento da entidade com os interesses públicos não se restringiu à esfera legislativa. Internamente, investiu em sua estrutura organizacional, criando comissões temáticas e fortalecendo sua presença em estados estratégicos. Com isso, passou a representar os auditores fiscais, não apenas em Brasília, mas em todo o território nacional.

Um marco importante nesse período foi o trabalho conjunto com outras associações de classe, reforçando a união entre as categorias. O diálogo com movimentos sociais, sindicatos e lideranças políticas ampliou a relevância da associação, começando a ser vista não apenas como defensora dos direitos de uma classe, mas como uma força motriz na construção de um Brasil mais justo.

Ao final da década, a ANFIP era mais do que uma associação de classe. Era uma referência em ética, comprometimento e luta por direitos, refletindo o espírito resiliente de seus associados.

Com a entrada dos anos 1990, o Brasil passou por um período de intensas mudanças: econômicas, políticas e sociais. Era o início de uma nova era, marcada pela abertura econômica, privatizações e uma crescente discussão sobre reformas administrativas e previdenciárias. Nesse cenário turbulento, a ANFIP assumiu uma postura de resistência estratégica, defendendo tanto os direitos dos auditores fiscais quanto os pilares fundamentais do estado de bem-estar social.

Os ataques à previdência pública foram intensos. O discurso oficial buscava justificar cortes e mudanças profundas no sistema, como forma de equilibrar as contas públicas. Contudo, a ANFIP sabia que, por trás dessas medidas, havia interesses que ameaçavam a proteção social conquistada na Constituição de 1988.

A atuação da associação nesse período foi marcada por uma postura técnica e combativa, ao contrário de outros movimentos, que se limitavam a protestar. A ANFIP investiu na produção de estudos aprofundados, bem como em relatórios detalhados, desmentindo assim argumentos falaciosos que justificavam as reformas.

Esses documentos, elaborados por especialistas, se tornaram referência nacional, sendo usados por parlamentares, juristas e até mesmo pela imprensa.

A ANFIP organizou audiências públicas, pressionou deputados, senadores e mobilizou seus associados em campanhas nacionais.

Paralelamente à luta previdenciária, os auditores enfrentaram imensos desafios relacionados à sua própria atuação. Medidas para flexibilizar a arrecadação, introduzir terceirizações no setor tributário, colocaram em risco o trabalho qualificado e técnico da categoria. A ANFIP, mais uma vez, liderou a resistência, demonstrando como essas medidas poderiam comprometer a arrecadação, bem como o funcionamento do Estado.

Nesta época, houve grandes mobilizações. As marchas organizadas pela instituição em Brasília reuniram não apenas auditores fiscais, mas também outros setores da sociedade civil. Era um movimento além dos interesses da classe, defendia um Brasil mais justo e equilibrado.

Ao final da década de 1990, embora muitos desafios permanecessem, a ANFIP havia consolidado sua posição, como uma entidade que transcendia sua base

associativa. Era reconhecida nacionalmente como uma guardiã da justiça social e referência em ética e conhecimento técnico.

Com a chegada dos anos 2000, a associação encontrou-se diante de um cenário de profundas transformações tecnológicas e institucionais. A informatização crescente da Receita Federal, como também a digitalização de processos, trouxe novas oportunidades de trabalho, mas também introduziu desafios inéditos, exigindo de todos maior capacidade de adaptação e estratégia.

A nova tecnologia trouxe mudanças radicais na forma como os auditores fiscais exerciam suas funções. Ferramentas como o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED) modernizaram os processos de fiscalização, reduziram a evasão fiscal, permitindo assim, maior rastreabilidade das operações tributárias.

A ANFIP percebeu que essa nova realidade exigia mais do que um ajuste técnico, era necessária uma mudança de mentalidade entre os próprios auditores. A entidade promoveu, então, cursos, workshops e treinamentos, para que os associados estivessem preparados para as novas exigências do cargo.

Propostas legislativas surgiram com o objetivo de enfraquecer a Receita Federal, reduzindo sua autonomia e sua capacidade de fiscalização. A ANFIP, com sua experiência acumulada, foi à linha de frente, destacando o papel fundamental do órgão, visando a sustentabilidade do país e a justiça fiscal.

Um dos marcos desse período foi a luta pela valorização do auditor fiscal, no contexto das transformações digitais. Apesar das inovações, a ANFIP reafirmava que o componente humano, com seu olhar crítico e ético, continuava indispensável para combater fraudes e garantir o cumprimento das leis tributárias.

No início dos anos 2000, um discurso cada vez mais recorrente defendia a redução do Estado e a privatização de serviços essenciais. A associação, coerente com sua missão histórica, posicionou-se firmemente contra essas ideias, destacando os riscos de desmonte do serviço público.

Ciente de que a luta pela justiça fiscal exigia o apoio de diversos setores, a ANFIP ampliou sua atuação buscando parcerias com organizações da sociedade civil, universidades e entidades internacionais. Esse esforço trouxe uma nova dimensão à entidade, que passou a ser reconhecida não apenas como uma defensora dos auditores fiscais, mas também como uma promotora de políticas públicas de qualidade.

Ao longo da década, a ANFIP consolidou-se como uma instituição moderna e dinâmica, capaz de enfrentar os desafios da era digital, sem abrir mão de seus valores históricos. Suas conquistas foram muitas, sempre reafirmando seu compromisso inabalável com a defesa do bem comum.

O início da década de 2010 marcou um dos períodos mais agitados. Foram intensos debates em torno das reformas previdenciárias propostas pelo governo. O discurso oficial prometia resolver déficits e modernizar o sistema, mas a ANFIP enxergava nas entrelinhas medidas que poderiam agravar as desigualdades sociais, enfraquecendo o sistema de proteção social brasileiro.

Desde os primeiros esboços da reforma, a entidade agiu rapidamente. Estudos técnicos foram realizados, apontando inconsistências nos dados apresentados pelo governo, desmistificando o alegado "rombo" da previdência social. A entidade produziu relatórios detalhados e acessíveis para explicar à população os impactos negativos das mudanças, principalmente para os trabalhadores mais pobres e vulneráveis.

Com esse material em mãos, a ANFIP liderou um movimento de mobilização nacional. Palestras, audiências públicas, entrevistas à mídia e campanhas nas redes sociais tornaram-se ferramentas fundamentais para levar a mensagem à sociedade e pressionar o Congresso Nacional.

Os associados também desempenharam papel crucial nessa luta. Como especialistas em previdência e tributação, muitos participaram diretamente das audiências e debates, trazendo credibilidade e conhecimento técnico às discussões. Eles não eram apenas servidores públicos, mas defensores de uma causa maior, a justiça social.

A batalha pela previdência foi marcada por veementes debates. Internamente, a ANFIP enfrentou críticas de setores que defendiam a reforma, além de procurarem desacreditar suas análises. Externamente, o desafio era mobilizar uma população desinformada e alheia à complexidade do tema.

Apesar disso, a entidade manteve-se firme, reforçando sua posição de que a reforma deveria respeitar os princípios da equidade, solidariedade e justiça social.

Um dos momentos mais emblemáticos desse período foi a grande marcha em Brasília, organizada pela ANFIP em parceria com outras entidades sindicais. Milhares de pessoas lotaram as ruas da capital, carregando faixas e cartazes que destacavam o papel fundamental da previdência pública para o equilíbrio social do país.

Embora algumas mudanças na previdência tenham sido aprovadas, a mobilização liderada pela ANFIP resultou em ajustes importantes no texto final da reforma, minimizando danos às populações mais vulneráveis.

Mais do que vitórias pontuais, esse período deixou um legado valioso, consolidou a imagem da ANFIP como uma entidade combativa, técnica e comprometida com o bem-estar coletivo. Além disso, reforçou a união entre os auditores fiscais, que compreenderam profundamente o impacto social de seu trabalho.

No final da década, a entidade sabia que a luta estava longe de acabar. A reforma havia sido um capítulo em uma batalha contínua pela manutenção dos direitos sociais, como também pelo fortalecimento do sistema tributário e previdenciário brasileiro.

Com a chegada do decênio 2020, o mundo enfrentou transformações rápidas e profundas. A pandemia da COVID-19, os avanços tecnológicos e as mudanças no comportamento social impactaram diretamente a forma como instituições e movimentos sociais se organizavam. Para a ANFIP, isso significava não apenas se adaptar, mas liderar essas mudanças, mantendo a luta pelos direitos dos auditores e pela justiça social no Brasil.

A entidade reconheceu cedo que o ambiente digital era essencial para ampliar sua voz. Redes sociais, sites interativos e aplicativos personalizados tornaram-se suas ferramentas principais para dialogar com seus associados e a sociedade.

Um marco importante foi o lançamento da ANFIP Digital, uma plataforma que centralizava informações, oferecia cursos de capacitação, bem como permitia a interação em tempo real dos associados. A ferramenta foi um sucesso, atraindo uma nova geração de auditores fiscais, que já viviam conectados ao mundo online.

Durante a crise da saúde global, a ANFIP intensificou sua atuação, especialmente diante das tentativas de precarização do serviço público. O discurso de austeridade voltou a ganhar força, colocando os servidores públicos no centro das críticas.

Para combater essa narrativa, a ANFIP organizou seminários online, divulgando diversos estudos, além de demonstrar a importância do trabalho dos auditores no momento da crise. A arrecadação tributária, por exemplo, foi crucial para financiar programas de auxílio emergencial.

Com a evolução tecnológica, o trabalho do auditor fiscal mudou radicalmente. A associação percebeu que era necessário investir na formação de seus associados, para lidar com sistemas cada vez mais automatizados e complexos. Parcerias com universidades e instituições de ensino resultaram em uma série de capacitações sobre análise de dados, inteligência artificial e tributação digital.

Ao mesmo tempo, a entidade reforçou a importância do lado humano, promovendo debates sobre ética, responsabilidade social e o impacto de suas ações na sociedade.

Mesmo em um mundo cada vez mais digital, a ANFIP nunca perdeu de vista a importância do contato humano. Durante a pandemia, membros da entidade realizaram ações solidárias, como a distribuição de alimentos e apoio psicológico a trabalhadores vulneráveis. Essas iniciativas reforçaram o vínculo da entidade com a sociedade, demonstrando assim que sua luta ia além dos gabinetes e das planilhas.

Até o final de 2024, a ANFIP estava mais preparada do que nunca para enfrentar os desafios futuros. Adaptada às novas tecnologias, profundamente conectada às demandas da sociedade, a entidade segue firme em seu propósito, o de promover justiça fiscal, defender os direitos dos auditores e fortalecer o serviço público brasileiro.

Em 75 anos de existência, a ANFIP construiu um legado que transcende as lutas tributárias. Ela tornou-se um símbolo da resistência, ética e compromisso com a sociedade brasileira. No entanto, mais do que celebrar seu passado, a entidade se preocupa em construir um futuro ainda mais sólido, fundamentado nos valores que a guiaram desde sua criação.



## 2º Colocado

**JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES - MG**

---

Codiname: **banana genuíno**

---

Tipo: **Conto**

---

Título: **O MAGO DA PEDRA OCA**



## O Mago da Pedra Oca

Contavam-se muitas histórias daquele lugar. Uma delas dizia que naqueles confins de Minas, há muitos anos, um mago ali teria se escondido.

Os tempos passaram. Agora, jovens entusiasmados desciam pela estrada de terra que iria dar na sede do sítio de Zé Romão. De longe já dava para avistar a fumaça saindo pela chaminé da casa situada bem mais abaixo.

Mas, lá em cima, um pequeno fio de água, ano após ano, se inserindo entre falhas de pedras, havia escavado um furo, de fora a fora, em uma rocha calcária em seu caminho. Outras fontes d'água ali se agruparam, descendo juntas pelo túnel criado, formando um ribeirão nas terras do sítio. E foi devido àquela rocha, com sua perfuração diferenciada, o nome peculiar dado à cidade: **Pedra Oca**. Na sede da propriedade, cercada e com porteiras, havia um pequeno curral; diversas vacas ali por perto se fartavam de capim succulento.

Nhá Zica se apressava no fogão de lenha, preparando aquele arroz especial, feijão gordo com pedaços de toucinho defumado, temperados com alho, cebola e cebolinha picada. O angu de fubá de milho, estava fumegando. Em outra panela, o franguinho caipira com aquela cor dourada, de molho encorpado, quase chegando. O quiabo, colhido na horta, estava pronto. Os garotos foram se achegando; diversos netos do casal de sitiantes, e mais outros amigos também. De quando em quando eles iam até ao sítio se empanturrar das guloseimas, andar a cavalo, pescar lambaris no córrego.

Diversas maravilhas culinárias surpreendiam quaisquer paladares, dentre geleias e doces em potes de vidros, tornando difícil decidir qual provar. Delícias de figo, goiaba, doce de leite, dentre tantos. O queijo Minas, ali esperando para fazer parte daquelas iguarias. Em latas, biscoitos de polvilho, pães de queijo e outras quitandas, sempre ao alcance dos vorazes jovens.

Vô Romão e Sinhá Zica adoravam essas visitas. A casa se enchia, os jovens se ajeitavam como podiam e passavam ali um, dois e até três dias. Era uma festa arriar os cavalos, ajudar tirar o leite das vacas, tomar daquele leite tirado na hora com chocolate e açúcar. Colher goiabas, jabuticabas e mexericas no pé, era

como *congelar numa fatia de tempo, um paraíso só de coisas boas*. Se haviam lembranças ruins do dia a dia, lá elas não existiam mais.

Assim o dia ia passando; mais tarde, estavam eles ali sentados na simples, mas espaçosa cozinha, com as brasas do fogo ainda crepitando na fomalha do fogão, aquecendo aquele anoitecer. E uma garoa fina, vinda lá do alto da pedra oca, trouxe um ar gélido que o vento cismou em soprar para dentro da casa. Sinhá Zica resolveu servir um leite morno em tigelas, com farinha de milho, açúcar e canela a gosto. Enquanto isso, aguardavam pelas histórias de Romão e, elas, quando começavam, iam noite adentro, com seu modo manhoso de contar. A rapaziada esperava ansiosa o desfecho, mas este não vinha assim, tão de repente. Era uma parte do conto, umas colheradas do leite com farinha e canela; depois, outra parte da história, um suspense daqui e dali, e o enredo não terminava, até que os garotos tinham sono.

Mas um desses contos, era o preferido deles: o do ***Mago da Pedra Oca***. Aí os olhares se voltavam como lanternas acesas para o velho sitiante. Ele pigarreava aqui e ali e então começava:

- Lá na cidade, diziam que ele era um mágico...
- Fale mais vô Romão. Como ele era? Perguntou Paulinho, um dos netos.
- Diziam que era magro, alto, com uma barbicha rala. Seu andar era leve... Parecia flutuar, ao invés de andar. Trazia no semblante um olhar sereno, desses que desarmam sentimentos de medo, ira, desesperança.
- Mas como era isso, vô? Perguntou Janaína, uma das netas.
- Não se sabe. Mas diziam que um grande manancial de energia exalava de seu interior; seus olhos penetravam como cristais puros as mentes das pessoas, levando ondas de harmonia que envolviam aqueles por perto.
- Mas onde ele morava, vovô? Perguntou outro neto.
- Não sei dizer ao certo. Alguns diziam que não era desse planeta, que teria vindo de outros mundos. Ninguém sabia de onde, mas ele sempre aparecia na cidade. Diziam que morava *aqui por perto, naquela época*, numa gruta que deveria existir debaixo da pedra oca. Mas ninguém nunca esteve lá.

Os meninos arregalaram os olhos. A inquietação, o sonho de uma aventura, a vontade de descobrir, assanhava o imaginário de todos eles.

- Mas você o conheceu, vovô? Era mesmo mágico? Perguntaram.

- Não, mas muitos o conheceram. Foram eles que me contaram sobre este ser diferenciado. Se era mágico, realmente não sei. Diziam que era!!

- Desta vez podemos tentar descobrir a tal gruta? Interveio outro.

- Amanhã, de manhã, vou levá-los até lá. Nunca descí abaixo daquela pedra, mas tem uma trilha ao lado, hoje encoberta de mato, que parece levar até ela. Mas o trajeto é longo. Pode ser perigoso. Vou chamar seu Bentinho e o Zequinha para nos acompanhar.

- Combinado! Vó Zica, convide também Da. Filó das Cartas. Disse Paulinho.

- Da. Filó? Dizem que ela é vidente. Bem pensado! Pode ajudar a localizar a gruta. Mas agora vamos dormir, que já está tarde. Finalizou Zé Romão.

No outro dia cedo, com alguns embornais cheios de mantimentos, água e café, partiram para a jornada. Para a rapaziada aquela seria uma de suas mais intrigantes e emocionantes aventuras. O tempo estava bom, o sol ameno, o vento soprava uma mistura de ar com cheiro de terra molhada pela garoa da noite.

Começaram a descer pela trilha. Seu Bentinho e Zequinha iam na frente, logo acompanhados por vô Romão. Com um facão e uma foice iam cortando galhos, abrindo caminho. A rapaziada ia logo atrás, juntos com Nhá Zica e dona Filó das Cartas. Pararam numa área descampada para tomar um café e traçar os rumos a seguir. Havia uma bifurcação na trilha. Alguns achavam que era para direita, outros que para esquerda. Dona Filó disse ver claramente o caminho a seguir: *o da direita!! Assim foram.*

A trilha contornava a pedra oca, descia, estabilizava num relevo mais plano, voltava a se inclinar novamente. Finalmente chegaram a uma nascente de água com leito de areia branca; a água cristalina, em seu curso, apontava para uma entrada recoberta de vegetação e desaparecia. Os sitiante trataram de limpar aquela vegetação. Destampou-se então, à frente de todos, a entrada da gruta.

Em princípio parecia pequena, mas à medida que iam caminhando, ficaram perplexos. Maravilhado, alguém disse:

- Vejam só o tamanho dessa caverna!! É enorme! Diversas estalactites e estalagmites. A água vinda lá de cima, pinga dia após dia, trazendo gotas de calcário criando essas formações maravilhosas.

Mais à frente, a caverna se abriu como um palco grande e arredondado. Ninguém se aventurava a dizer mais nada. Todos entenderam, ao mesmo tempo, *que ali havia sido a morada do Mago*. Se organizaram num grande círculo, os olhos observando em volta, ora para o alto, ora para a água sob seus pés. De cima, uma abertura trouxe consigo os raios do sol para dentro da caverna. Neste momento, cristais incrustados em suas paredes refletiram a luz solar iluminando todo o local, dando a sensação de que todos estivessem fora da gruta. Uma benção desceu sobre eles trazendo um sentimento de gratidão indescritível.

Repentinamente, um fecho de luz moveu-se para o fundo, iluminando uma formação rochosa mais elevada, de topo plano, como uma mesa. Alguém disse entusiasmado:

- Vejam, tem um livro grande sobre ela!!! Parece um diário! Será o diário do Mago? Vamos abri-lo! Será que ainda está preservado, legível?

- Está dividido em capítulos. O primeiro dedicado à paz: *“Desarmai os vossos corações, preenchendo vossas almas com o amor à humanidade. Somos todos irmãos”*. Leu dona Filó, encantada com a descoberta.

- Vejam esta, sobre o meio ambiente: *“Não temos um plano B. Este é o nosso planeta, nosso lar neste universo. Não há outra opção a não ser preservá-lo para garantir a nossa sobrevivência enquanto espécie”*. Leu comovido, seu Zé Romão.

- Nossa, são inúmeras mensagens. Foram escritas para ajudar a iluminar a humanidade em sua trajetória na Terra. Parecem reforçar e atualizar os ensinamentos dos grandes mestres. É uma joia rica em detalhes. Temos que fazê-la chegar às pessoas. Disse seu Bentinho.

Uma revoada de pássaros de várias espécies adentrou pela gruta, cantando e se esbaldando nas fontes puras de água do local. Então, todos elevaram os olhos para cima agradecendo a Deus.

O livro foi levado para a cidade. Por todos os lados as mensagens foram divulgadas. Para muitos, *elas sequer tocariam suas mentes, quanto mais seus corações*. Entretanto, aquele grupo, iria levar consigo sempre a sensação de terem estado juntos no local onde *viveu uma lenda*, da qual sempre ouviram falar e, ainda, sentiram na alma a energia daqueles ensinamentos.

Às vezes, um acontecimento marca para sempre a vida das pessoas. Aquele tinha sido um deles. *Aprender faz parte de nossa trajetória enquanto “seres humanos”*. Sempre foi assim. Quem sabe isso, hoje, seja mais urgente que antes?



## 3º Colocado

**MARIA LISBOA MACEDO - MG**

---

Codínome: **corpanzil ousado**

---

Tipo: **Conto**

---

Título: **O PROFESSOR**



## O PROFESSOR

Juliano morava numa cidade do interior com seus pais e dois irmãos mais novos que ele: Jane, com 10 anos e Jessé, com 12 anos. Como irmão mais velho, sentia-se na obrigação de ajudá-los, tanto nas tarefas escolares, quanto levando e buscando na escola. Estava sempre pronto a colaborar com seus pais, ajudando-os em tudo que pudesse.

Era um adolescente que apreciava demais a natureza: os animais, as flores. Admirava os astros e pensava em ser astrônomo, para sentir o que eles representam para a vida dos seres.

Nas noites de verão, ele gostava muito de se reunir na varanda com a família e se encantava quando a lua cheia aparecia exuberante e linda e ficava querendo contar as estrelas.

Morava perto de uma praça muito agradável, arborizada e com jardins bem cuidados, onde às tardes de sábados, domingos e feriados, ficava cheia de adultos e crianças. De vez em quando, ele ficava lá, sentado nos banquinhos e debaixo das árvores lendo, o que ele gostava muito.

Uma tarde de domingo, estava bastante quente e ele resolveu levar um livro para ler na praça. Que sorte! Tinha um banco vazio, debaixo de uma frondosa árvore.

De vez em quando, levantava os olhos do livro, para assimilar o que lera. Sempre fazia isto e sabia que, assim, a leitura era mais frutífera.

Uma tarde, como de costume, tinha acabado de ler um capítulo do livro e o fechou, porque agora iria apreciar o movimento. Nisso, viu um senhor idoso,

caminhando lentamente, apoiado numa bengala, bem à sua frente. Juliano se levantou e foi até ele e o convidou para se sentar um pouco ao seu lado.

O senhor, admirado pelo convite do jovem, aceitou-o. Logo, Juliano perguntou qual era o seu nome.

– Emílio, disse o senhor. – E o seu? - Eu me chamo Juliano e moro bem pertinho daqui. E o senhor, onde mora?

O senhor Emílio, que gostava muito de conversar, começou a contar um pouco de sua vida, notando que podia confiar nesse rapaz.

- Meu filho, moro aqui neste bairro e minha casa não fica muito longe. Gosto de fazer caminhada, às vezes pela manhã, às vezes à tarde. Perdi minha esposa há quatro anos e desde então, resolvi morar sozinho. Nunca tivemos filhos e por isso, não tenho netos. Tenho apenas um sobrinho da minha esposa que mora no exterior e de vez em quando, manda notícias e raramente vem me visitar. Mas eu compreendo, porque é muito caro o deslocamento para o Brasil.

- Em compensação, tenho bons vizinhos e, graças a Deus, apesar de já ter 80 anos de idade, minha mente é bem ativa.

- Fui professor de matemática durante muitos anos, tendo me aposentado aos 55 anos de idade. Gostava muito do contato com os jovens que me faziam ficar mais animado e mais feliz.

-Faço compras e preparo minhas refeições, cuido da minha casa e do meu jardim, sozinho. Tenho uma faxineira que vai de quinze em quinze dias fazer uma limpeza geral e também em quinzenas alternadas com a faxineira, uma pessoa que cuida da minha roupa.

- Pela sua aparência e pela prosa, vejo que o senhor realmente é uma pessoa muito ativa. – O senhor tem saudades de sua juventude?

- Meu filho, a vida é como se fosse um grande livro, que escrevemos diariamente nossas vivências: o que fazemos de bom, o que pensamos, o que realizamos e o que podemos ensinar aos demais e não ser um problema para o próximo, aprendendo a ser grato a Deus e a tudo que nos rodeia. Dava minhas aulas com muita dedicação, amor e com o anelo de ajudar meus alunos e em cada dia sentia uma emoção diferente. Não conto minha vida em número de anos e sim em atividades, bem-estar e sempre penso no próximo.

Juliano estava atento e emocionado com o que o senhor Emílio lhe dizia.

E o professor continuou:

- Nunca critiquei a conduta do outro, porque todos nós temos defeitos que nem conhecemos. E temos muitas virtudes também e se não as temos devemos criá-las. Por isso, meu caro jovem, a vida para mim é uma dádiva e procuro vivê-la plenamente com alegria, mesmo tendo, às vezes, algumas dificuldades.

- Senhor Emílio, diz Juliano: - agradeço de coração e até emocionado, as suas palavras que me tocaram fundo e pretendo seguir seu exemplo.

- Meu jovem, fiquei também muito feliz em tê-lo aqui comigo, me ouvindo, mas agora, preciso ir; está ficando tarde e eu gosto de dormir cedo.

- Eu vou com o senhor, porque aprendo onde é o caminho de sua casa.

- Meu filho, não tenha esse trabalho, tenho costume de andar sozinho.

Porém, Juliano insistiu, dizendo que era um grande prazer desfrutar mais um pouco de sua companhia. Antes, trocaram o número dos seus telefones para se comunicarem.

Realmente, a casa do senhor Emílio não era longe e logo chegaram. Era uma casa simples, porém bem localizada e com vizinhos dos dois lados.

Juliano não quis aceitar o convite para entrar e prometeu voltar para visitá-lo a qualquer dia. Foi embora muito feliz pela maravilhosa tarde vivida ao lado de uma pessoa tão especial.

Chegando em casa, cujos pais já estavam estranhando a demora, contou-lhes o ocorrido, que os deixaram também emocionados.

No fim de semana seguinte, Juliano ligou para o senhor Emílio e lhe perguntou se poderia visitá-lo no sábado à tarde.

O senhor Emílio ficou muito alegre e disse que o receberia com imenso prazer.

A mãe de Juliano tinha feito um bolo grande de laranja e separou uma parte para o filho levar para ele, que ficou muito feliz com a visita e com a delicadeza do presente.

Tinha na casa uma varanda acolhedora onde seu Emílio gostava de ler seus livros e revistas. Ele convidou Juliano para ir para lá e logo voltou para trazer o bolo, pratinhos, xícaras e talheres. – Aqui, Juliano, fiz o café há poucos minutos.

A conversa estava muito agradável e o senhor Emílio começou a recordar um pouco de sua infância, de um jeito muito agradável de contar. Começou dizendo como foi sua vida ao lado de seus pais e irmãos. O pai trabalhava numa lavoura que fornecia os alimentos necessários para o sustento da família, sobrando uma quantidade boa para vender e nós, filhos, o ajudávamos nessa tarefa. Meu pai não abria mão da educação dos filhos. Eu estudava à tarde, tendo todas as manhãs para vender os produtos ou ajudar na lavoura. Era uma casa modesta, sem luxo, mas cheia de amor e carinho, o que alimenta a alma.

Continuou o senhor Emílio e o Juliano muito atento ao que dizia. – Após concluído o primário, tinha que ir a cavalo na cidade próxima para fazer o curso ginásial, como era chamado na época. Depois de algum tempo, meu pai conseguiu

carona para mim, com um amigo que levava seus dois filhos de carro, para a mesma escola.

- Continuei lá, até me formar no antigo curso científico. Como adorava estudar, não quis parar. Nessa cidade só havia os cursos de letras, matemática, geografia e história. Minha opção foi a de licenciatura em matemática, cuja matéria muito me atraía.

- Lá conheci uma estudante de letras e que tinha como projeto, ser professora de português. Durante os intervalos e na saída conversávamos um pouco e eu fui me sentindo atraído por ela; era delicada, inteligente, discreta, virtudes que almejava para formar um lar.

- Começamos a sair nos finais de semana e feriados e o interesse de ambas as partes foi crescendo e resolvemos então iniciar o namoro. Fomos bem acolhidos por ambas as famílias. Tanto ela como eu íamos nos formar no ano seguinte. Após a formatura, decidimos nos casar. O interessante é que os pais dela moravam na mesma cidade em que a minha família morava.

-Depois do casamento fomos, eu e ela, chamados para dar aula numa cidade grande, não muito longe de onde os pais dela viviam. Resolvemos que deveríamos ir para garantir um bom futuro para nós. Continuamos ambos a ajudar financeiramente nossos pais.

Juliano ouviu tudo, maravilhado com esse amigo tão especial. Na saída, Juliano lhe disse que seus pais o estavam convidando para um almoço na casa deles, pois estavam curiosos para conhecê-lo.

No dia do almoço o Sr. Júlio, pai de Juliano, foi com ele, de carro, buscar o Sr. Emílio.

O almoço foi só de alegria. Dona Dalva e o senhor Júlio eram muito amáveis, bem como os três filhos, Juliano, Jessé e Jane. Gostaram muito do senhor Emílio

que lhes contou casos muito divertidos. Na saída, ficou a promessa de que voltaria em breve, mas gostaria também que eles fossem lhe fazer uma visita. Preferiu voltar caminhando, mas o Juliano fez questão de acompanhá-lo.

A amizade entre todos estava ficando cada vez mais sólida e eram muitos os momentos de alegria que desfrutavam. E assim se passaram alguns meses.

Um dia, pela manhã, a vizinha do Sr. Emílio ligou para o Juliano e disse que estava preocupada, porque até aquela hora ele não tinha aberto as janelas como fazia todas as manhãs e que ela já havia batido à porta e janela e nenhum barulho.

– Você tem a chave da casa dele? Ela perguntou.

– Não, não tenho, mas já vou levar comigo o chaveiro.

Avisou ao seu pai que, imediatamente pegou o carro e em poucos minutos chegaram à casa do Sr. Emílio. Juliano também bateu à porta e falou:

- Seu Emílio, é o Juliano. Pode abrir?

Nenhuma resposta. Ele foi até à janela ao lado e pela fresta viu que ele estava deitado.

O Juliano então pediu ao chaveiro para abrir a porta e fazer outra chave. Quando entraram, seu Emílio estava quietinho, com os olhos fechados. Assustou-se quando viu os dois ao seu lado e disse que estava com muita dor no estômago e desânimo para se levantar. O senhor Júlio o achou muito pálido e lhe disse que o levariam ao Hospital para se medicar. Mas, por precaução resolveu chamar uma ambulância para levá-lo. Logo a ambulância chegou. A vizinha pediu para darem notícias. O senhor Júlio foi de carro e o Juliano de ambulância.

Chegando ao Hospital o senhor Emílio foi atendido na urgência, colocado no soro e o médico, muito simpático, disse que logo faria alguns exames para o diagnóstico. Não demorou muito, o médico o levou para exames de sangue e

tomografia. E disse que ele deveria ficar no Hospital, em observação, e para tomar soro para se hidratar e fortalecer. Como era um sábado, Juliano disse ao pai que ficaria com ele e dormiria lá também.

No outro dia, à tarde, o médico veio com o resultado e como o Sr. Emílio estava sonolento, ele chamou o Juliano para a saleta para conversarem. O médico disse que foi constatado um tumor canceroso em seu estômago, em estágio já avançado. A notícia boa era que ele estava apto para a cirurgia. Tentariam remover o tumor.

Na segunda-feira, marcada para a cirurgia, o Sr. Júlio chegou cedo ao hospital. O Juliano também queria ir, mas seu pai o aconselhou a não perder a aula. Poderia ir depois da cirurgia.

Quando Juliano veio à tarde com sua mãe, feliz por saber que a cirurgia foi um sucesso, pois conseguiram tirar todo o tumor e não havia metástase. O Sr. Emílio ficou muito alegre, não só pelo resultado da cirurgia, mas também por estar perto de pessoas tão queridas, como se fossem da família de sangue. Cinco dias depois, teve alta hospitalar. O médico prescreveu, além dos medicamentos, cuidados com a alimentação.

Foram para casa muito felizes e o Sr. Emílio quis passar na casa dele, o que não foi recomendado por todos. Prometeram levá-lo lá, assim que melhorasse.

Os dias foram passando e o Sr. Emílio teve uma excelente recuperação. Engordou um pouco, estava corado e já saía para as caminhadas, mas sempre acompanhado de alguém da família do Juliano.

Um dia, quando caminhava com o Juliano, ele quis passar no Cartório e disse a ele, que precisava resolver um problema lá, um pouco demorado e que o chamaria assim que terminasse.

Meses foram passando e era hora de comemorar seus 85 anos. Dona Dalva se dispôs a realizar uma grande festa. Convidou seus amigos, vizinhos e parentes dela, para também participarem da comemoração. Como Juliano ficou conhecendo alguns ex-alunos do Sr. Emílio, os convidou também. Tudo na surdina.

Chegou o dia e foi feito um café da manhã caprichado. Então o Sr. Júlio lhe disse que à tardinha jantariam fora. No final da tarde, o Sr. Emílio se aprontou, pôs um terno e ficou aguardando todos para irem ao restaurante. Daí a pouco, foram chegando seus vizinhos, amigos, ex-alunos o que o fez ficar bastante emocionado. Enquanto isso, Dona Dalva e Jane estavam na copa e cozinha, cuidando de arrumar a mesa para a comemoração, enquanto os outros cuidavam da recepção aos convidados.

Já todos na copa, o Juliano falou da grande oportunidade que teve de conhecer o Sr. Emílio e o tinha como seu avô. Estava aprendendo muito com ele e o agradeceu por estarem juntos. Alguns falaram também e foi muita emoção. Seu Emílio quase não conseguiu falar. Foi uma felicidade imensa. Às 21 horas, todos foram embora e dona Dalva disse ao senhor Emílio para ir se deitar.

Uns seis meses depois, ela notou que ele não queria se alimentar e estava perdendo peso. Falou para seu esposo que deveriam observar mais e mudar a sua alimentação para ver se melhorava seu apetite. Mais ou menos quinze dias depois, observaram que ele tinha emagrecido mais e estava bem pálido. Convenceram-no a ir ao médico fazer novos exames, ao que ele, mesmo relutante, foi com o Sr. Júlio ao Hospital, ficando em observação. No dia seguinte, o médico ligou de volta, dizendo que um novo tumor surgira, agora no pâncreas e era bem mais agressivo e não era operável, mas que faria tudo para que ele não sofresse e que ficaria mais três dias no hospital para se hidratar. Ele deveria ter uma vida bem tranquila, feliz e que ao primeiro sinal de piora, voltassem com ele para o Hospital.

O carinho com ele foi redobrado. Assistiam filmes juntos, faziam comidas leves, mais saborosas, fazendo tudo para deixá-lo feliz. Mas, dois meses depois, ele piorou bastante e teve que voltar ao hospital. Desta vez, o câncer evoluiu muito e nada mais podiam fazer, a não ser os cuidados paliativos para aliviar as dores.

Todos sentiram muito por ele e sempre tinha alguém ao seu lado. Não o deixavam sozinho. Uma tarde, o Sr. Júlio, que estava ao seu lado, sentiu e foi avisado ,pelo médico que era questão de horas o passamento dele. O Sr. Júlio avisou a toda a família e que se pudessem deveriam estar com ele até o seu final. Meia hora depois, estavam todos ao redor do leito do Sr. Emílio. Juliano estava muito triste, segurando sua mão. Depois que todos estavam lá, ele, com voz quase inaudível disse que Deus tinha sido muito bom para ele, dando-lhe uma família tão carinhosa, tão especial e que era muito grato a todos e, olhando um a um, com um sorriso nos lábios, virou a cabeça para o lado e se foi. O Sr. Júlio saiu para chamar o médico para atestar o óbito.. A comoção foi muito grande, mas contida.

Amigos e vizinhos foram ao seu funeral, tudo organizado pelo Sr. Júlio.

Oito dias depois uma funcionária do Cartório ligou para o Sr. Júlio, pedindo-lhe para comparecer no dia informado, com a esposa e filhos,todos levando identidade. Seu Júlio ficou curioso, mas todos os cinco compareceram ao Cartório. Lá chegando, o escrivão os conduziu para uma sala, fechando a porta.

Começou dizendo que o Sr. Emílio havia deixado um documento para que fosse lido para todos. Favor ficarem de pé. Era um testamento que ele deixou, doando todos os seus bens para a família e os especificando. Disse também que seu final de vida foi maravilhoso e feliz por ter sido acolhido por essa família, com muito carinho e amor, tornando-se um membro dela.. Desejou a todos muitas e muitas felicidades e saúde e que eles eram um grande exemplo de bondade e solidariedade e que são atitudes assim que fazem um mundo melhor.

A emoção tomou conta de todos, que assinaram os papéis, chorando. Até o escrivão fez coro a eles. Saíram todos abraçados e com muitas lágrimas nos olhos. Agora eram só saudades!



